

Há mais alunos no superior, mas mais jovens sem trabalhar nem estudar

Portugal consegue ter taxas de inscrição no ensino superior acima da média da OCDE e o dobro dos “nem-nem” dos países parceiros, mostra relatório *Education at a Glance*

Educação Samuel Silva

Parecem dois fenómenos inconciliáveis, mas coexistem na população jovem nacional: Portugal tem mais estudantes do que a média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) actualmente inscritos no ensino superior, mas também mais jovens que não estudam nem trabalham. Os indicadores são revelados pelo relatório anual *Education at a Glance*, publicado ontem por aquele organismo internacional.

Na população entre os 19 e os 20 anos – a idade em que habitualmente os jovens entram no ensino superior –, 41% estão matriculados numa universidade ou politécnico. A média da OCDE é de 37% e o relatório sublinha a evolução positiva que o país teve nos últimos anos neste indicador.

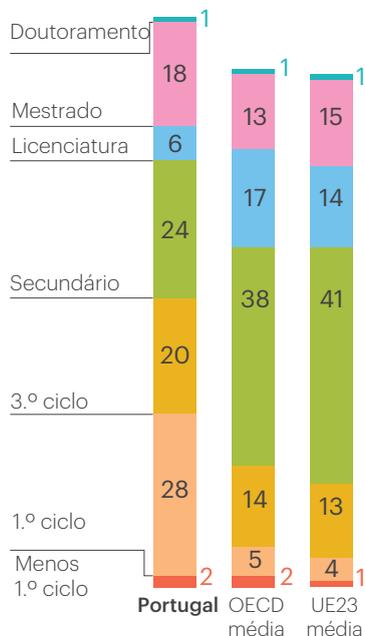
Por outro lado, Portugal continua a ser um dos países onde há mais jovens que não estudam nem trabalham – os chamados “nem-nem”. Cerca de 3% dos jovens dos 18 aos 24 anos estão desempregados e não estão a estudar, o que é o dobro da média da OCDE. Portugal está num grupo de países com o mesmo problema em que também se encontram Itália, Espanha e Grécia, que tem a percentagem mais elevada neste indicador, 7,9%.

Os jovens portugueses vivem “uma situação relativamente dual”, avalia Pedro Teixeira, do Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior (CIPES). De um lado, estão os estudantes que fazem o ensino secundário pelos cursos científico-humanísticos e que representam cerca de metade dos jovens que terminam o ensino obrigatório. Estes correspondem, *grosso modo*, aos estudantes que entram no ensino superior.

Mas há uma outra metade da população que faz o ensino secundário em cursos profissionais e que não está a entrar no ensino superior – o Governo chegou a prometer criar uma via de acesso especial para estes alunos neste ano lectivo,

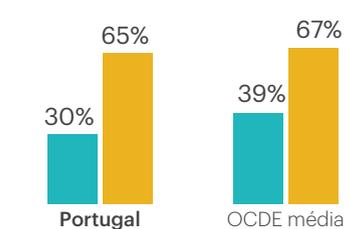
Qualificações máximas da população

Em %, dos 25 aos 64 anos



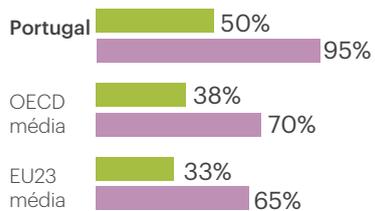
Quanto alunos terminam o curso no tempo esperado

3 anos 6 anos



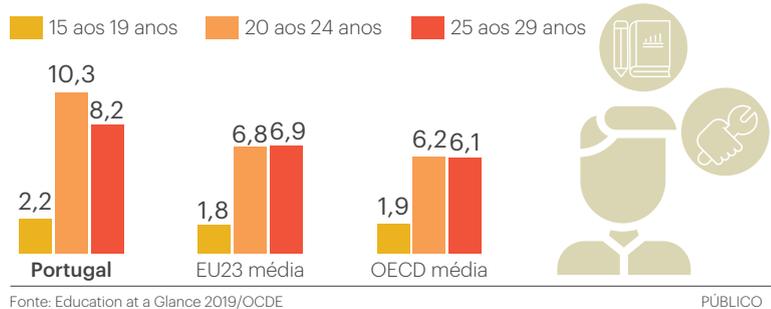
Quanto ganham os licenciados acima da mediana dos rendimentos

Trabalhadores 25-34 anos Trabalhadores 45-54 anos



Jovens que não estudam nem trabalham

Em %, por grupo etário



Fonte: Education at a Glance 2019/OCDE

PÚBLICO

Os licenciados entre os 25 e os 34 anos conseguem vencimentos 50% superiores aos dos outros trabalhadores da mesma idade, de acordo com o relatório da OCDE

mas acabou por abandonar a ideia.

Esta dualidade já vem do ensino secundário, “mas o ensino superior acentua-a”, entende o investigador. “A atenção das instituições continua muito focada nos alunos tradicionais. As universidades têm muito pouca apetência para a diversificação de públicos”.

A presidente da Federação Académica de Lisboa (FAL), Sofia Escária, dá voz a uma preocupação da sua geração que também ajuda a perceber por que há jovens que optam por não ir estudar no supe-

Só 1% dos docentes tem menos de 30 anos

Não é uma absoluta novidade, mas o relatório anual sobre educação da OCDE dá novos

indicadores para perceber a dimensão do envelhecimento da classe docente. Apenas 1% dos professores tem menos de 30 anos. Há uma década, eram 16%. O problema do envelhecimento acentuou-se na última década, com as medidas de austeridade sobre novas contratações na função pública e os efeitos da diminuição do número de alunos, a reduzirem ao mínimo a entrada de professores jovens. Se, em 2005, 16% da força de trabalho no sector tinha menos de 30 anos, actualmente só um 1% dos professores está nessa faixa etária.

Portugal tem mesmo a mais baixa percentagem de docentes com menos de 30 anos – a par da Itália. “A força de trabalho docente de Portugal tem envelhecido na última década e está entre os mais velhos de todos os países da OCDE”, sublinha o organismo internacional.

quem tem um curso superior ganha quase o dobro dos restantes trabalhadores da mesma faixa etária.

“Uma licenciatura perdeu valor no mercado de trabalho”, explica o investigador José Manuel Mendes do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, que tem estudado o abandono e insucesso escolar no ensino superior.

De resto, outro fenómeno sublinhado pelo *Education at a Glance* deste ano são as dificuldades dos estudantes do ensino superior em ter percursos académicos bem-sucedidos. Somente 30% dos estudantes portugueses conseguem completar o respectivo curso em três anos, a duração prevista.

“A conclusão do ensino superior continua a ser um desafio”, sublinha a OCDE na ficha de avaliação específica do país, que acompanha o relatório. Em média, nos países parceiros, 39% dos estudantes consegue completar a formação no tempo esperado.

“O problema”, diz José Manuel Mendes “são as expectativas com que se entra”. Após a reforma de Bolonha, que encurtou a generalidade dos cursos superiores para três anos, um jovem acaba a sua formação com 21 anos. “O que é que o mercado de trabalho oferece a um jovem com 21 anos?”, questiona este especialista. Este pensamento acaba por instalar-se entre os estudantes, defende.

Mas, para Sofia Escária, o problema do insucesso escolar dos estudantes do ensino superior também pode ser imputado às universidades e politécnicos. “Os planos curriculares estão muito desajustados da realidade e falta formação aos docentes. Há muitos que são bons na investigação, mas não são bons professores”, critica a presidente da FAL.

“A atenção das instituições não estava de facto muito focada no sucesso académico dos estudantes”, reconhece Pedro Teixeira, do CIPES. A realidade “foi mudando nos últimos seis ou sete anos”, mas ainda há um trabalho de inovação pedagógica para ser feito.

samuel.silva@publico.pt